



DESMENTIDA A VELHA *FAKE NEWS* DO INCHAÇO DO SERVIÇO PÚBLICO

*Dados levantados pelo Jornal da AdUFRJ
mostram que funcionalismo ganha mal e que total
de servidores é menor do que em muitos países
desenvolvidos*

ACADEMIA DE LUTO

EDWALDO CAFEZEIRO
1930-2024

MEMÓRIAS DE UMA VIDA PLENA



“Do Café, guardo as melhores memórias possíveis. Nós nos conhecemos há quase 47 anos. Trabalhávamos juntos no antigo Serviço Nacional de Teatro. Seis anos depois, nos descobrimos completamente apaixonados. Demorou em torno de 11 anos, desde que nos conhecemos, para que ficássemos juntos, mas sempre fomos muito parceiros no trabalho. Nós íamos ao cinema, jantávamos em seguida e discutíamos sobre o que tínhamos visto. Foram tantas as vezes que fomos expulsos de restaurantes, porque nos estendíamos bebendo vinho, lendo, conversando, trocando impressões, textos, poesias. Pensar nesses momentos me traz uma grande coleção de belíssimas lembranças.

Vivemos juntos desde 1988. O convívio de quase 36 anos foi muito especial. Todas as terças-feiras ele me trazia flores. Nossa diferença de idade era de 27 anos, mas o Café foi jovem bem prolongadamente. Ele tinha um humor extraordinário!

Com a universidade, era uma relação de amor. Ele gostava de mim, dos filhos, dos amigos e da UFRJ. Foi um permanente militante pela melhoria das condições de trabalho dos professores e um dos fundadores da AdUFRJ. Era muito respeitado e dedicado à contribuição acadêmica. Era um homem de iniciativas, de se entusiasmar e de levar ideias adiante.

Mas na universidade ele também teve muitos dissabores. Ele tinha enorme capacidade de aglutinação, mas facilidade de encontrar oponentes. Não havia hostilidades. Era política sem picuinha. Havia respeito. Ele deixa também essa lição contra a política do ódio e ataques mesquinhos. Viveu a política com elegância.

Um feito do qual se orgulhava muito foi de ter ido a Cuba no primeiro ano da Revolução participar da campanha de alfabetização da população. Havia muitas crianças e adultos analfabetos. Era preciso fazer alguma coisa. De lá, trouxe uma bandeira onde se lia “Território

livre de analfabetismo”. Muitos anos depois, já diretor da Letras, ele recebeu uma autoridade do Ministério da Educação de Cuba que tinha sido uma criança (os “hijos de Fidel”) abrigada (pelo governo). Ele viu essa bandeira na Letras e ficou muito emocionado.

De vez em quando eu choro, mas procuro me manter em paz. Há lembranças tão vividas de uma vida tão plena, tão rica, que me consolam. Ele não merecia viver uma vida limitada. Ele tinha muita vitalidade, desejo de vida, amor pela vida no sentido mais pleno. Foi uma vida linda. Eu acho que sou uma privilegiada”.

CARMEM GADELHA

Professora da Escola de Comunicação da UFRJ e companheira de vida (Em depoimento ao Jornal da AdUFRJ)

“A firmeza nos propósitos políticos do Café — como a defesa intransigente do ensino público, gratuito e de qualidade — convivia com um

extremo humanismo e generosidade que desconcertavam os defensores de outro modelito de sociedade. Certa vez, um grupo que pensava radicalmente diferente das opiniões do Café veio tomar satisfações do então diretor da Faculdade de Letras. Entraram no gabinete sem pedir licença, pareciam ter uma faca entre os dentes, com cara de poucos amigos. Eu era assessor do Café e estava na sala. Café pediu que sentassem à mesa e, acendendo um dos seus clássicos charutos, tomou a palavra com um sorriso maroto: sejam bem-vindos, meus queridos amigos reacionários e privatistas! Em que posso lhes ajudar? A resposta veio de um dos invasores: Pois, professor Cafeteira, estamos aqui...Cafezeiro, corrigiu um dos seus amigos. Nessa hora Café deu uma gargalhada e consolou o autor do equívoco. Tudo bem, companheiro. Um outro derramou o cafezinho pelando nas pernas e deu um gritinho. Café deu de novo uma gargalhada, como sempre. O grupo também riu alto e parecia então desorientado e embaraçado. Acho que esqueceram o que tinham vindo fazer ali. Café deu alguns esclarecimentos sobre a esperança de ver uma sociedade brasileira mais justa e democrática, todos faziam que sim com a cabeça. Mudavam de opinião assim facilmente? As baforadas do charuto encobriam caras desfiguradas, me lembrei da cara do personagem no quadro Grito, do Munch. Logo perguntavam sobre as pesquisas do professor Cafezeiro, examinaram a lista enorme dos versos de Camões tronando sobre a mesa, um das pesquisas do Café da época, um disse que sabia ser ele um dos grandes especialistas brasileiros em teatro, outro, o mais tímido, fez a pergunta clássica sobre como saber o que é certo e o que é errado em Língua Portuguesa, Café gargalhou, sonoro, o ambiente era de confraternização. A sala evocava uma reunião de velhos amigos. Os abraços e tapinhas nas costas se seguiram acarinhados por risos e adjetivos elogiosos. Assim era Edwaldo Cafezeiro. Conquistava todo mundo sem jamais perder a atitude ética, a fraternidade e a alegria. Deixa muitas saudades.”

GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

Professor da Faculdade de Letras da UFRJ

BENJAMIN GILBERT
1929-2024

A AdUFRJ lamenta o falecimento, aos 94 anos, do professor Benjamin Gilbert, no dia 9 de fevereiro. Nascido em Felxtowe, Inglaterra, em 1929, Gilbert formou-se em Química pela Universidade de Bristol em 1950, onde também concluiu doutorado em 1954. Foi um dos fundadores do Instituto de Pesquisas de Produtos Naturais (IPPN) da UFRJ, onde atuou como professor visitante até 1972. Químico de formação, ele sempre se destacou pela pujança de sua produção acadêmica. O docente é autor de 120 publicações

científicas, entre elas capítulos de livros sobre alcaloides indólicos e produtos naturais industrializáveis na Amazônia. Gilbert trabalhava na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) desde 1986, na área de Química de produtos naturais e colaborava na implantação da fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS). Era pioneiro no campo de estudo de plantas medicinais.

Com extenso currículo, Gilbert foi pesquisador de diversas instituições no Reino Unido e nos Estados Unidos. No Brasil, atuou na formação



de profissionais na Marinha, na Fiocruz, na Companhia de Desenvolvimento Tecnológico (Codetec), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e foi membro de comitês de doenças endêmicas e de Química do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Foi, ainda, sócio da Royal Society of Chemistry, American Chemical Society, Associação Brasileira de Química e Sociedade Brasileira de Química.

Instituições de ensino e pesquisa de todo o país lamentaram a perda do professor, que era pesquisador emérito da Fiocruz.

A AdUFRJ lastima mais esta perda para a academia e presta sentimentos aos amigos e familiares neste triste momento.

ACADEMIA DE LUTO

LUIZ WERNECK VIANNA
1938-2024

GERAÇÕES DE CIENTISTAS SOCIAIS FICAM ÓRFÃS COM A PARTIDA DE WERNECK



“Aluno de Ciências Sociais no IFCS, entre 1964 e 1967, Luiz Werneck Vianna nos ensinou a grandeza e o sentido deste curso do qual tenho a honra de ser professora. Seu pensamento, de natureza holística na consideração dos fenômenos sociais, indissociáveis nas suas dimensões antropológica, sociológica e política, mas, sobretudo histórica, nos

alerta para o risco de interpretações compartimentadas, especializadas e alienantes, posto que resultam em reflexões anódinas e inodoras sobre uma pequena parte, enquanto o todo, confuso e doloroso, segue rejeitado. Este todo é o Brasil e Werneck nos ensinou a pensá-lo.

Nos idos de 2008, ensinou uma menina de 20 poucos anos a ler em

uma semana 1.000 páginas de Oliveira Vianna, Tavares Bastos, Alberto Torres, Francisco Campos entre outros. Me ensinou a esperar suas pausas, seus silêncios. Me ensinou que os grandes autores são grandes por alguma razão e que precisamos ter a humildade de lê-los e mergulhar em seus textos.

Como intelectual público e professor, Werneck nos ensinou que toda reflexão é engajada. Fez isso de maneira arriscada. Diante da hegemonia de leituras acerca de nossa sociabilidade insociável e deletéria, Werneck dobra a aposta sobre a sociedade civil. E, em um contexto marcado pelo autoritarismo, defende na USP, na década de 1970, uma tese de doutorado intitulada Liberalismo e Sindicato no Brasil, apontando um caminho que muitos anos depois faria todo sentido para mim: o sindicalismo.

A despeito dessa incursão na academia paulista, ao meu ver, o pensamento de Werneck estabelece nossa marca, enquanto intelectuais burocratas e funcionários públicos, onde o mercado e o liberalismo são ficções nebulosas, americanismo e iberismo, via prussiana e revolução passiva tornam-se ainda mais prementes como chaves de leitura.

Atuando no antigo Iuperj e na Escola de Magistratura do Rio de Janeiro, Werneck organizou nessas chaves o pensamento de gerações de sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e operadores do Direito.”

MAYRA GOULART

Cientista política e presidenta da AdUFRJ, foi aluna de Werneck

“Amigos e amigas, perdemos, hoje, um gigante: Luiz Jorge Werneck Vianna, aos 84 anos. Uma vida inteira dedicada a pensar o Brasil e a mudar esse país tão desigual e violento. Foi ele que me recebeu no Partido Comunista Brasileiro nos anos 1970, na clandestinidade. Foi ele quem me ensinou a analisar a conjuntura, distinguir tática e estratégia, reler Marx e Gramsci com os olhos postos no presente, sem dogmatismos. Sua coragem, sua independência, seu espírito crítico, sua devoção à causa coletiva — sonhando um socialismo renovado, aberto e brasileiro — foram e são exemplos para minha geração e as seguintes. Em tudo que fazia punha toda a sua paixão. Era lucidez, inteligência, compromisso e paixão. Um erudito discreto, mas transgressor, uma usina exuberante de afeto e generosidade, às vezes disfarçada pela aspereza dos rompanetes. Não conheço ninguém mais ético no desempenho de sua função acadêmica, ninguém mais avesso a cálculos carreiristas e a acomodações pusilânimes, ninguém mais íntegro.

Tive o privilégio extraordinário de ser seu aluno, amigo e companheiro, e de aprender com ele, mesmo quando divergíamos. Nos últimos tempos, quando problemas de saúde o limitavam, ele se mantinha otimista, absolutamente confiante num futuro radicalmente democrático e socialista, apesar de tudo. Werneck parte, nos deixa desolados e muito mais pobres, mas, como talvez dissesse: parte cheio de esperança no trabalho da história.

Todas as homenagens que prestemos à sua memória serão insuficientes para retribuir o que lhe devemos. Ele nos deixa como herança, à qual temos o dever de não renunciar, sua comovente fé laica nas classes populares e no potencial criador da política, aliada ao pensamento crítico. Querido Werneck, o enorme contingente de seus alunos, colegas, camaradas e amigos, enquanto tivermos força, estaremos na luta e, de pé, ouvindo seu nome, diremos, juntos: presente!”

LUIZ EDUARDO SOARES

Antropólogo e cientista político

MAURO BOIANOVSKY
1959-2024

Professor de Economia da Universidade de Brasília, Mauro Boianovsky faleceu no último dia 21, aos 64 anos, em decorrência de câncer. Referência no campo da História do Pensamento Econômico, foi considerado um dos pesquisadores mais influentes do mundo, segundo a Universidade de Stanford.

Formado em Economia pela Universidade de Brasília, em 1979, Mauro fez mestrado na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro e doutorado em Cambridge, na Inglaterra. Era professor titular



na Universidade de Brasília, onde lecionava Teoria do Desenvolvimento Econômico, na graduação, e História do Pensamento Econômico, na pós-graduação.

AFONSO CELSO PASTORE
1939-2024

Na quarta-feira (21), morreu o economista e ex-presidente do Banco Central Afonso Celso Pastore, aos 84 anos. Doutor em Economia pela USP, Pastore foi professor titular do Departamento de Economia, diretor da instituição e um dos economistas mais respeitados do país.

Em nota, o Centro de Debate de Políticas Públicas, criado por Pastore, afirma que ele teve enorme impacto na formação de várias gerações de economistas. “Se tornou um intelectual público na melhor acepção do termo: engajado em debates



nos mais variados fóruns, capaz de traduzir a teoria econômica para o grande público, aberto a novas ideias, mas sem jamais abrir mão da coerência e do rigor acadêmico.”

DADOS DESMONTAM MITO DO 'ESTADO INCHADO'

> Campanha de setores econômicos contrários ao reajuste dos servidores defende a reforma administrativa baseada em falsas informações sobre tamanho do Estado e salário do funcionalismo

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Volta a crescer a pressão de setores mais conservadores contra a campanha salarial dos servidores públicos federais e para que a reforma administrativa retorne à ordem do dia do Congresso Nacional. Os argumentos são os velhos conhecidos de sempre: "Estado inchado", "máquina ineficiente", "supersalários". Mas, olhando mais atentamente para os dados, é fácil descobrir que a história não é bem assim.

Do total de trabalhadores no Brasil, 12,5% são servidores públicos. Para se ter uma ideia, o índice médio dos países da OCDE, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico que reúne, por exemplo, Alemanha, Canadá e Estados Unidos, é de 23,5%.

Em levantamento divulgado na edição 1.284 do Jornal da AdUFRJ, o jornalista Alexandre Medeiros já havia identificado que o Brasil ocupa apenas a 13ª posição em quantidade de servidores. O mesmo levantamento apontou outra distorção: os servidores do Executivo ganham, em média, três vezes menos que o salário médio dos servidores do Judiciário.

E não para por aí.

Fizemos também o levantamento dos salários dos servidores públicos federais. A grande maioria, 90%, recebe até R\$ 10 mil. Bem longe dos supersalários que atingem o teto do funcionalismo. Esses altos vencimentos, recebidos, por exemplo, por juizes e desembargadores, alcançam só 0,06% do funcionalismo.

Os falsos argumentos sustentam a defesa de uma reforma administrativa para tirar direitos dos servidores. A quebra da estabilidade é um dos principais pontos de divergência entre o presidente da Câmara, Arthur Lira, e o governo Lula, que defende a reforma, mas sem alterações constitucionais.

Lira, que quer aprovar a reforma como foi gestada pelo governo Bolsonaro, desconsidera os privilégios do Legislativo

FUNCIONÁRIOS NO SETOR PÚBLICO EM RELAÇÃO AO TOTAL DE TRABALHADORES, EM %

Dinamarca	30,22
Suécia	29,28
Austrália	28,90
OCDE	23,48
Reino Unido	22,63
Canadá	21,64
França	20,28
Argentina	19,31
Uruguai	16,92
África do Sul	15,57
EUA	13,56
Chile	13,10
Brasil	12,45
México	12,24
Peru	8,15
Bolívia	7,80
Japão	7,59

Fonte: Republica.org
(com base em dados da OIT)

em relação ao funcionalismo federal. Na contramão dos gastos com o Executivo, o Brasil tem o segundo Congresso mais caro do mundo. Perde, apenas, para os Estados Unidos. Cada parlamentar custa para o Brasil R\$ 23 milhões anuais, segundo levantamento da Fundação Getúlio Vargas. "É preciso pensar nas distorções provocadas pelas diferenças nas esferas de poder", lembra a economista Carla Abini. "Cada parlamentar pode contratar até 25 pessoas", pontua.

Em relação aos servidores federais, ela é favorável aos reajustes, mas critica a política de

conceder recomposição linear, já que também entre o Serviço Federal há distorções entre carreiras. "Conceder aumento linear para o funcionalismo também é um problema. O ideal é a reestruturação. Nesse sentido, uma reforma administrativa só teria validade se atuasse nessa direção", defende.

Presidenta da AdUFRJ, a professora Mayra Goulart critica a postura de setores econômicos contrários ao direito dos servidores. "Existe uma campanha sistemática para convencer a sociedade de que existe uma ineficiência estrutural no Serviço Público, de que há muita gente. "Basta pesquisar para descobrir que isso não é verdade", alerta.

NEGOCIAÇÃO TRAVADA

Para David Lobão, coordenador do Fonasefe, essa narrativa contra os servidores colabora para a dificuldade nas negociações com o governo. "Há uma disputa colocada. Temos um governo de coalizão e precisamos unir argumentos para rebater aqueles que defendem o Estado mínimo. Sem servidores, não existe Serviço Público", afirma.

O dirigente também aponta para a piora da qualidade de vida e de condições de trabalho dos servidores. "Existe um descontentamento generalizado na base, com frustração e muita angústia em razão da piora nas condições de vida. São muitos os profissionais que se dedicam a oferecer o melhor serviço à população brasileira".

No último dia 22, o Ministério da Gestão e Inovação em Serviços Públicos (MGI) deu mais uma mostra dessa dificuldade enfrentada pelos servidores. Na data, aconteceu a terceira mesa específica de negociação das carreiras da Educação. O encontro frustrou expectativas.

Os servidores esperavam que o MGI desse respostas sobre os planos de reestruturação das carreiras do Magistério Superior, EBTT e dos técnico-administrativos. As propostas foram apresentadas pelo Andes, pela Fasubra e pelo Proifes.

No entanto, o secretário de Relações do Trabalho, José Lopes Feijó, reafirmou as indicações já dadas pelo governo: reajuste de 4,5% para 2025 e 4,5%



Temos um governo de coalizão e precisamos unir argumentos para rebater aqueles que defendem o Estado mínimo. Sem servidores, não existe Serviço Público"

DAVID LOBÃO
Coordenador do Fonasefe

para 2026, sem brechas para alterações salariais este ano.

Em relação às propostas apresentadas pelos sindicatos docentes, o governo sinalizou que não trabalha na perspectiva de reduzir tempo de carreira no funcionalismo federal e tem, como tempo ideal mínimo, 20 anos de desenvolvimento.

Os dirigentes também cobraram ao governo a retirada da obrigatoriedade de ponto eletrônico para professores do EBTT. Os ministérios da Educação e da Gestão concordaram com o mérito dos argumentos e se comprometeram a dar uma resposta formal em 15 dias.

Raquel Nery, diretora do Proifes, apresentou proposta de equiparar os salários do MS e EBTT de 40h ao piso da educação básica, reajustado este ano pelo governo federal. "Somos uma categoria que responde pela Ciência do Brasil, pela produção do conhecimento e por aquilo que há de qualidade na educação superior brasileira", defendeu. Esses professores sem doutorado recebem hoje R\$3.412,63. Valor bem abaixo dos R\$ 4.580,57 concedidos à educação básica.

A proposta é defendida pela AdUFRJ desde o início do ano. A assessoria jurídica chegou a desenvolver cálculos que mostram que todos os níveis terão ganhos, caso seja aplicado o piso da educação básica aos docentes federais. O governo, no entanto, não deu resposta à reivindicação.



Existe uma campanha sistemática para convencer a sociedade de que existe uma ineficiência estrutural no Serviço Público"

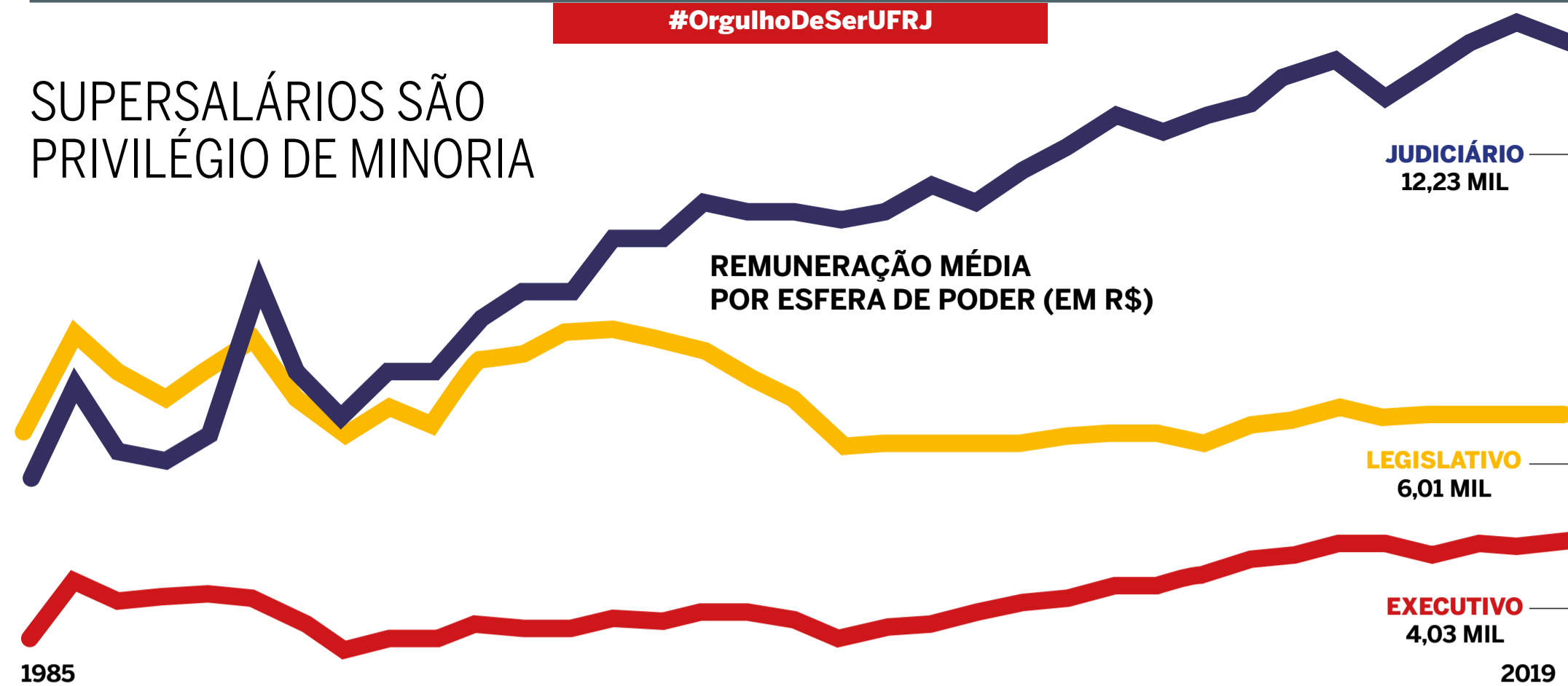
MAYRA GOULART
Presidenta da AdUFRJ

FALTAM PROFESSORES NAS UNIVERSIDADES

94.028 professores universitários federais

Déficit de 4.900 professores

SUPERSALÁRIOS SÃO PRIVILÉGIO DE MINORIA



+ DADOS
997.631 mil servidores ativos

1.070.008 aposentados e pensionistas

12,5% do total de trabalhadores do país

23,5% É a média da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)

70% ganha até R\$ 5.000

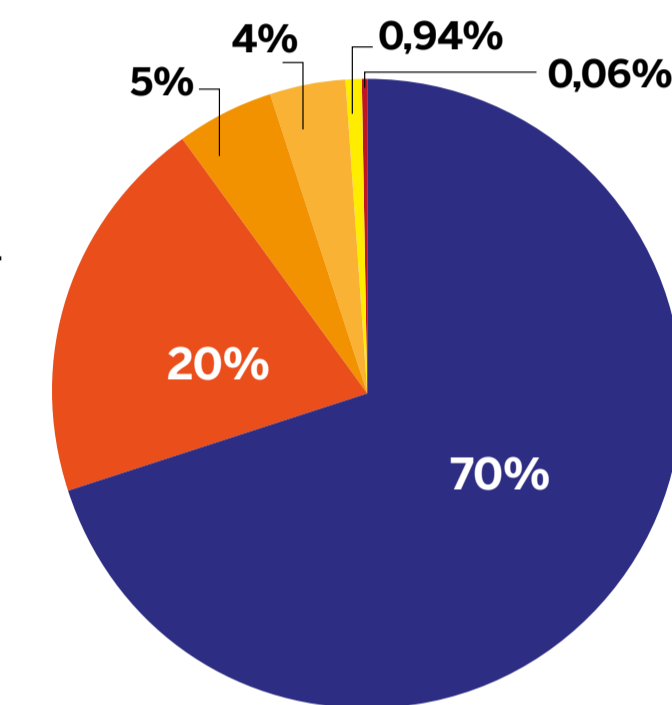
20% de R\$ 5.0001 a R\$ 10.000

5% de R\$ 10.001 a R\$ 15.000

4% de 15.001 a R\$ 27.000

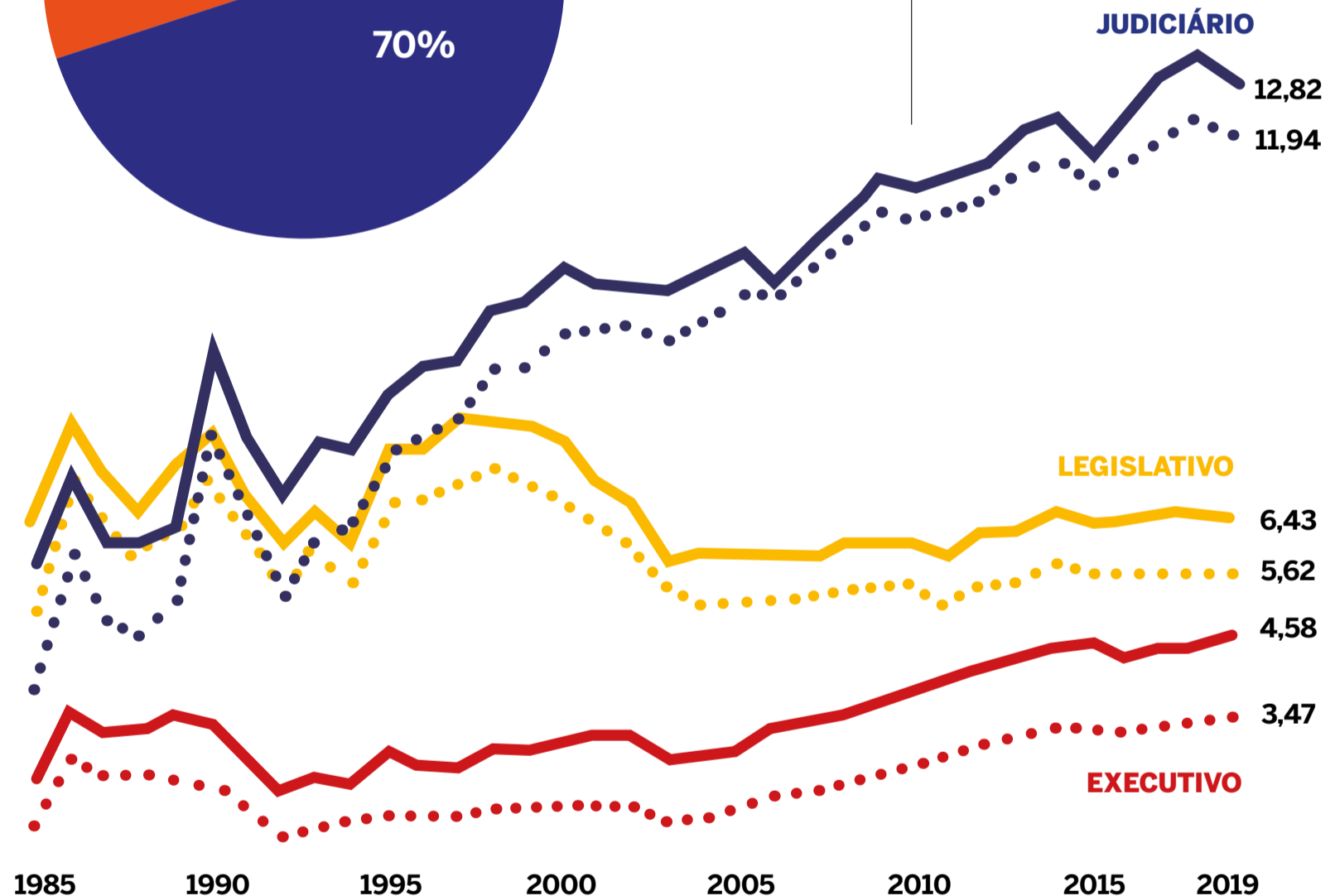
0,94% de R\$ 27.001 a 44.0008

0,06% acima de R\$ 44.008



REMUNERAÇÃO MÉDIA POR SEXO (EM R\$)

— MASCULINO
..... FEMININO



RÁPIDAS DO CONSUNI

MUDANÇAS À VISTA

O professor Ricardo Medronho, representante dos eméritos no Conselho Universitário, fez duas propostas de alteração do Regimento Geral da UFRJ e do colegiado. A intenção é enxugar a extensa pauta do Consuni. Uma das mudanças retiraria o caráter de instância máxima recursal. Assim, só chegariam ao plenário recursos sobre infringências de leis e normas. Todo o restante seria analisado em última instância pelos conselhos de Graduação, Pós-Graduação e Extensão. Outra sugestão é a criação de câmaras temáticas para agilizar decisões do Consuni.

APOIO AOS TÉCNICOS

O reitor Roberto Medronho leu carta de apoio aos técnico-administrativos, que paralisaram suas atividades no dia 22, data da negociação da carreira, em Brasília. Medronho aponta que a crise das universidades acontece não só por falta de orçamento, mas também pela injustiça salarial a que estão submetidos os servidores. "A realidade nos impõe uma necessária militância em favor de medidas emergenciais de valorização salarial e de um debate ativo sobre mudanças na carreira". O texto foi aprovado por aclamação como moção do Consuni.

DEDICAÇÃO EXCLUSIVA

O Conselho Universitário recusou todos os pedidos da Faculdade de Medicina para transformar vagas de adjunto em dedicação exclusiva em assistente em regime de 40 horas. As vagas, destinadas aos setores de patologia, anestesiologia e infectologia geral tinham como requisito a titulação de doutor para atuar em DE. A FM alega que há um reduzido número de profissionais com doutorado nessas áreas e que o salário de um professor federal não consegue competir com o mercado. A Comissão Permanente de Pessoal Docente negou o pedi-

do, por isso o recurso foi apreciado no Consuni. Já a Comissão de Desenvolvimento do colegiado deu parecer favorável ao pedido da Medicina, mas a maioria do plenário decidiu não aprovar. Representante dos titulares do CCS e 2º vice-presidente da AdUFRJ, o professor Antonio Solé lembrou que o regime de Dedicção Exclusiva é uma conquista histórica dos professores. "Fruto de muita luta. Foi só a partir da DE que nós fizemos a nossa universidade crescer tanto. Nossos professores estão fazendo pesquisas, estão dando inúmeras aulas. Existe um tripé que é uma conquista do movimento docente".



COM OLHOS EM EM GAZA

Especialistas avaliam o impacto e os desdobramentos do embate diplomático gerado por uma fala do presidente Lula sobre os ataques de Israel à população civil na Faixa de Gaza, e pela resposta agressiva do governo israelense às declarações

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrj.org.br

De um lado, um líder enfraquecido politicamente que viu uma brecha para angariar simpatia em seu país, em plena guerra contra o grupo palestino Hamas. De outro, um presidente que tenta alçar seu país a um papel relevante nos organismos internacionais, no momento em que ocupa a presidência do G20. Esta semana, como num hipotético ringue, Benjamin Netanyahu e Luiz Inácio Lula da Silva levaram Israel e Brasil a um improvável embate diplomático em torno dos ataques israelenses ao grupo Hamas na Faixa de Gaza.

O estopim para o atrito foi uma entrevista coletiva do presidente Lula em Adis Abeba, onde participou da 37ª Cúpula da União Africana e de reuniões bilaterais com chefes de Estados do continente. Na entrevista, Lula comparou o que os palestinos vêm sofrendo em Gaza ao que os judeus sofreram sob Hitler (veja declaração completa no box). A reação de Israel foi imediata. O embaixador brasileiro naquele país, Frederico Meyer, foi exposto a uma reprimenda pública, em



hebraico, e Lula foi considerado “persona non grata” em Israel.

Para o historiador Michel Gherman, professor do Programa de Pós-Graduação em História Social do IFCS/UFRJ e pesquisador do Centro de Estudos do Antissemitismo da Universidade de Jerusalém, a fala de Lula jogou um holofote sobre a anunciada invasão terrestre de Israel a Rafah, no sul da Faixa de Gaza, prevista para as próximas semanas. “A entrada em Rafah vai nos fazer lembrar os piores confrontos sangrentos que já

tivemos na história. Você tem mais de um milhão de refugiados abrigados em cabanas no sul de Gaza. São pessoas que já fugiram do norte de Gaza, não têm outro lugar para ir, estão concentradas na fronteira com o Egito. Se o número de mortos civis já é assustador, com a possível entrada em Rafah vai ser terrível”, avalia Gherman.

Segundo o professor, a situação política em Israel é complexa. “Há uma crise econômica sem precedentes, com uma acentuada queda do PIB. Netanyahu tem uma

rejeição enorme da população, na faixa dos 80%. E você tem os reféns feitos pelo Hamas, que estão lá à espera da libertação, mas setores do governo Netanyahu são contra qualquer negociação para a troca de reféns. Eu acho que o isolamento político de Israel, aliado à situação caótica interna, pode fazer de uma possível entrada em Rafah um suicídio político para Benjamin Netanyahu. Mas a não entrada também pode ser – ele vai perder a coalizão que o sustenta no poder. Nesse ringue hipotético, ele está nas cordas. Ou, entra em Rafah e promove um massacre, ou não entra, sai do governo e vai preso”.

Netanyahu já anunciou que o exército israelense invadirá Rafah no Ramadã, período sagrado para os muçulmanos que começa em 10 de março, caso o Hamas não liberte os reféns que mantém em seu poder desde o início do conflito, em 7 de outubro de 2023. Embora tenha restrições às declarações de Lula, Michel Gherman destaca a importância do alerta feito pelo presidente brasileiro. “É uma fala muito importante, que não pode ser cortada por uma declaração infeliz. O problema foi a comparação, historicamente equivocada, ao Holocausto. E o governo de Israel, de uma forma irresponsável, resolveu produzir ganho político com isso. Foi uma boia de salvação para Netanyahu, mas de curta duração”.

Na avaliação de Michel Gherman, se Netanyahu está nas cordas, o ex-presidente Jair Bolsonaro também está. Para o professor, a extrema direita brasileira, tão identificada com a israelense, tentará também obter ganho político com o embate diplomático. “Assim como seu colega israelense, Bolsonaro está às vésperas de uma prisão. A extrema direita daqui tenta desde o início desse conflito entre Israel e o Hamas “brasilizar” a questão. Isso deve ocorrer na Avenida Paulista (local da manifestação de domingo próximo), a transformação de Bolsonaro em defensor de Israel e de Lula como inimigo de Israel. Para a extrema direita brasileira também é uma boia de salvação”, crê Gherman.

As redes sociais bolsonaristas já trataram de amplificar o embate e chegaram a anunciar a presença no ato de domingo do embaixador de Israel no Brasil, Daniel Zonshine. Na avaliação de Fernando Brancoli, professor do Instituto de Relações Internacionais e Defesa (IRID-UFRJ), é bom lembrar que o atual governo de Israel tem fortes ligações com nosso governo anterior. “Netanyahu visitou Bolsonaro entre a vitória nas eleições de 2018 e a posse. Há um receio que no domingo, na passeata de Bolsonaro em São Paulo, o embaixador israelense no Brasil possa participar de alguma forma. Não me impressionaria se ele gravasse um vídeo ou algo parecido. Se isso acontecer, a fervura voltará a aumentar e ele poderá até ter que sair do Brasil. A Convenção de Viena proíbe que diplomatas participem de manifestações políticas”, lembra Brancoli.

O professor ressalta que a fala de Lula se insere num contexto mais amplo de reforma dos organismos internacionais. “A fala tem que ser entendida no lugar em que ele estava. Não foi feita em Brasília. Ele estava na Etiópia, na reunião da Cúpula Africana, com a participação de países islâmicos do norte da África e do Golfo. Um espaço de países do Sul global que argumentam, assim como o Brasil, que os mecanismos internacionais para a solução de crises não estão funcionando. E não funcionam porque são essencialmente centrados nos países mais influentes do Norte. A fala do Lula se enquadra nessa lógica”.

Segundo Brancoli, Lula passou os últimos dois dias antes de sua fala em Adis Abeba reunido com lideranças palestinas e africanas. E suas declarações foram feitas no momento em que Israel anuncia a invasão de Rafah. “Estou numa conferência nos Estados Unidos debatendo esse tema e a expectativa é que essa invasão



vai ser um massacre. Estamos falando de uma cidade que tinha anteriormente 170 mil pessoas e que hoje tem um milhão e meio. Até os Estados Unidos, que são apoiadores de primeira hora de Israel, já se posicionaram contrários a uma entrada em Rafah. Mas é o que pode acontecer nos próximos dias, e acho que a fala do Lula serve também para chamar atenção em relação a esse movimento”.

ALERTA

Para Leonardo Valente, também professor do IRID-UFRJ, a reação de Israel às declarações de Lula foi estrategicamente pensada. “A reação foi totalmente midiática. Tudo na política externa é muito bem pensado, e Israel é experiente nisso. Havia uma ideia de desmoralização do Brasil, e isso já aconteceu em 2014, quando nosso governo fez críticas aos ataques de Israel contra os palestinos e fomos qualificados como “anão diplomático”. Israel tem uma estratégia midiática muito agressiva, sempre teve. É necessário vitimizar Israel, amplificar a questão e tentar deslegitimar a atuação internacio-

“**A reação foi totalmente midiática. Tudo na política externa é muito bem pensado, e Israel é experiente nisso”**

LEONARDO VALENTE
Professor do IRID-UFRJ

nal do Lula e da diplomacia brasileira”, analisa Valente, que tem estudos recentes que integram as Relações Internacionais à Comunicação, especialmente diploma-

cia midiática.

A fala de Lula, segundo Valente, chamou a atenção do mundo para os horrores que vêm ocorrendo em Gaza. “É assustadora essa normalização do massacre que está ocorrendo em Gaza. Claro que houve um ataque terrorista do Hamas, que precisa ser punido, mas isso justifica as ações de Israel em Gaza, matando mais de 20 mil civis? O que está ocorrendo lá, mais do que uma tentativa de resgatar os reféns, é uma matança étnica. Faz pensar se de fato o principal objetivo do governo Netanyahu é resgatar os reféns. Ou se é reduzir a população palestina para anexar territórios, uma política de extermínio. E o Lula deixou isso claro na fala dele”.

Se ficou restrito a Israel e Brasil, sem maiores repercussões em outros países, o embate diplomático suscitado pelas declarações de Lula acendeu um farol sobre os próximos movimentos do exército israelense na Faixa de Gaza. Um possível ataque a Rafah e suas consequências estarão agora sob os olhares do mundo inteiro.

A ESCALADA

DOMINGO, 18 DE FEVEREIRO

Em entrevista coletiva em Adis Abeba, onde participou da 37ª Cúpula da União Africana e de reuniões bilaterais com chefes de Estados do continente, o presidente Lula falou sobre os ataques de Israel à Faixa de Gaza. Eis a fala literal de Lula:

“É muito engraçado. Quando eu vejo o mundo rico anunciar que está parando de dar contribuição para a questão humanitária aos palestinos, eu fico imaginando qual é o tamanho da consciência política dessa gente e qual é o tamanho do coração solidário dessa gente que não está vendo que na Faixa de Gaza não está acontecendo uma guerra, mas um genocídio”.

“De que não é uma guerra entre soldados e soldados, é uma guer-

ra entre soldados altamente preparados e mulheres e crianças. Olha, se houve algum erro nessa instituição que apura dinheiro, que se apure quem errou. Mas não suspenda a ajuda humanitária a um povo que está há quantas décadas tentando construir o seu Estado”.

“O Brasil não apenas afirmou que vai dar contribuição — eu não posso dizer quanto porque não é o presidente quem define. É preciso ver quem é que cuida disso no governo para ver quanto é que vai dar. O Brasil disse que vai defender na ONU a definição de o Estado palestino ser reconhecido definitivamente como Estado pleno e soberano”.

“É importante lembrar que em 2010 o Brasil foi o 1º país a reconhecer o Estado palestino. É preciso parar de ser pequeno quando



agente tem que ser grande. O que está acontecendo na Faixa de Gaza e com o povo palestino não existe em nenhum outro momento histórico. Aliás, existiu quando Hitler resolveu matar os judeus”.

estão feridos? Quem vai devolver a vida das crianças que morreram sem saber por que estavam morrendo?”.

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE FEVEREIRO

O embaixador do Brasil em Israel, Frederico Meyer, foi convocado pelo chanceler israelense, Israel Katz, para uma reunião no Museu do Holocausto, em Jerusalém, onde recebeu uma reprimenda pública (foto ao lado). No encontro, Lula foi classificado como “persona non grata” por Israel.

O Itamaraty chamou Meyer de volta ao país. O ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, reuniu-se com o embaixador israelense no Brasil, Daniel Zonshine, e manifestou insatisfação com o tratamento dado ao embaixador brasileiro.

Nas redes sociais, o chanceler israelense, em texto escrito em português, diz que a declaração

de Lula foi um “grave ataque antissemita que profana a memória dos que foram mortos no Holocausto”.

TERÇA-FEIRA, 20 DE FEVEREIRO

Mais uma vez usando um texto em português nas redes sociais, Israel Katz afirma, dirigindo-se diretamente ao presidente Lula: “Que vergonha. Sua comparação é promíscua, delirante. Vergonha para o Brasil e um cuspe no rosto dos judeus brasileiros”.

O ministro Mauro Vieira reage às postagens de Katz: “As manifestações do titular da chancelaria do governo Netanyahu, de ontem e de hoje, são inaceitáveis na forma, e mentirosas no conteúdo. Uma chancelaria dirigir-se dessa forma a um chefe de Estado, de um país amigo, o presidente Lula, é algo insólito e revoltante. Em mais de 50 anos de carreira, nunca vi algo assim”.



Cada vez mais ELAS

> Edital da Faperj contempla 70 jovens mulheres cientistas de diversas áreas do conhecimento. Vinte e três são da UFRJ, dentre elas, a presidenta da AdUFRJ, professora Mayra Goulart

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Para discutir o necessário avanço feminino na Ciência, a Academia Brasileira de Ciências (ABC) recebeu o evento "Meninas e Mulheres na Ciência: Avanços e Perspectivas", no dia 19. O encontro foi organizado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Na ocasião, foram entregues as outorgas do edital inédito lançado pela agência em 2023, o Programa de Apoio à Jovem Cientista Mulher com vínculo em instituições de Ciência e Tecnologia do estado. Para este edital, a Faperj destinou um total de R\$ 13 milhões distribuídos para 70 pesquisadoras. Uma das vencedoras foi a professora Mayra Goulart, cientista política do IFCS e presidenta da AdUFRJ.



“Precisamos de fomentos específicos para mulheres, para mães, para a gente combater o assédio, o teto de vidro, a desigualdade nas carreiras, as injustiças”

TATIANA ROQUE
Ex-presidenta da AdUFRJ e secretária municipal de Ciência e Tecnologia

a realidade da pesquisa brasileira. “Há uma disposição hegemônica dos recursos da pesquisa no Brasil, que são concentrados em pessoas do sexo masculino e que já têm carreiras amplamente consolidadas”, aponta a docente. “Com isso, essa iniciativa contorna um viés que desfavorece professores jovens e mulheres, sempre marginalizados por critérios supostamente meritocráticos estabelecidos pelos grupos hegemônicos que são por eles favorecidos”.

A mesa de abertura teve a participação de importantes nomes do meio científico. Um deles, a professora Tatiana Roque, secretária municipal de Ciência e Tecnologia. “Precisamos de fomentos específicos, sim, para mulheres, para mães, para a gente combater o assédio, o teto de vidro, a desigualdade nas

carreiras, as injustiças do ponto de vista dos direitos”, afirmou. “A ciência que a gente pratica, sem a participação igualitária das mulheres, se torna enviesada”, disse.

Apesar dos desafios, a presidente da ABC, professora Helena Nader, trouxe dados que mostram avanços. “A gente já tem paridade na pós-graduação. Isso é um marco. Também temos paridade em publicações. Não temos paridade nas diferentes áreas. Esse incentivo precisa começar na pré-escola”, afirmou. Ela também alertou para o refluxo feminino nas chamadas ciências duras. “Nós vivíamos um aumento de meninas nas áreas exatas e agora temos visto uma diminuição. É preciso saber o motivo”.

O machismo estrutural, para o professor Jerson Lima, presidente da Faperj, está na origem da questão. Docente da UFRJ, o professor deu exemplo de dois editais da Faperj: um lançado para pesquisadores com vínculo institucional e outro para pesquisadores sem vínculo. O edital com vínculo teve maior participação de homens e só 35% de mulheres, enquanto o que não necessitava de vínculo institucional teve 62% de participação feminina. “Isso nos mostra um quadro preocupante. Mulheres estão tendo menos espaço nas universidades”, lamentou.

Para atuar na linha de apoio às mães, a Faperj lançará em maio deste ano um edital específico para esse público. A iniciativa terá a parceria do Instituto Serrapilheira e do movimento Parent in Science. Os apoios devem totalizar R\$ 120 mil para cada projeto selecionado.

OUTROS EDITAIS

Há outras boas, mas ainda recentes e parcas, iniciativas espalhadas pelo país com o objetivo de ampliar o acesso de mulheres na Ciência. A Faperj é uma das pioneiras em editais voltados à equidade de gênero. Hoje, a fundação tem dois específicos: o de Meninas e Mulheres nas



“Há uma disposição hegemônica dos recursos da pesquisa no Brasil, que são concentrados em pessoas do sexo masculino e que já têm carreiras amplamente consolidadas”

MAYRA GOULART
Vencedora do edital da Faperj e presidenta da AdUFRJ

Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e Computação, em segunda edição, e o edital de apoio à Jovem Cientista Mulher. Além disso, a Faperj busca garantir a equidade de gênero entre vencedores dos editais, amplia prazos para contagem de produtividade para pesquisadoras mães e aplica, desde 2018, a licença-maternidade para pesquisadoras e bolsistas.

A Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo tem iniciativa semelhante: o edital Mulheres na Ciência, desenvolvido coordenadas por pesquisadoras.

Este ano, a Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia do Rio lançará o segundo edital do Prêmio Elisa Frota Pessoa, destinado aos melhores artigos

escritos por mulheres sobre Ciência e Tecnologia na igualdade de gênero. A cerimônia acontece no dia 8 de Março. As universidades federais de Santa Catarina e de Alagoas também têm prêmios destinados a mulheres na Ciência. As premiações são voltadas ao público interno das duas instituições.

O CNPq e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação lançaram no ano passado a terceira chamada pública Meninas e Mulheres nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação, destinada a estudantes do ensino médio e de graduação. O edital distribui R\$ 100 milhões às vencedoras. Outras duas chamadas aconteceram em 2013 e em 2018. O projeto prevê que pelo menos 30% das bolsas sejam destinadas a negras e indígenas.

A Universidade Federal do Mato Grosso do Sul tem um programa institucional de Mulheres na Ciência. O edital busca apoiar com auxílio financeiro docentes e técnicas da universidade que coordenem projetos de pesquisa e inovação. O exemplo é seguido pelo Instituto Federal de Sergipe.

A Universidade de Brasília tem o edital Mulheres e Meninas na Ciência: o Futuro é Agora, destinado a projetos de extensão que atuem incentivando a participação de meninas das escolas públicas do Distrito Federal nas áreas de Ciência e Tecnologia.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam) tem dois editais para estimular a igualdade de gênero na ciência. Um deles é o Programa Amazônicas - Meninas e Mulheres na Ciência. O outro é o Programa Fapeam: Mulheres na Ciência, específico para o interior do estado.

Já o Instituto Federal do Rio Grande do Norte lançou a segunda edição do edital “Projetos de Pesquisa e Inovação com Mulheres Jovens Cientistas”, voltado a projetos de pesquisa e inovação que envolvam alunas do ensino médio ou da graduação.

Prazo para atestar gastos com saúde termina dia 29

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Servidores públicos federais que recebem auxílio para custeio de saúde suplementar devem estar atentos ao prazo para comprovação de despesas com planos de saúde. A data limite é a próxima quinta-feira, dia 29. Servidores ativos e aposentados devem renovar as informações sobre o pagamento das mensalidades. A declaração de pagamentos, dos anos de 2022 e 2023, deve ser retirada pelo site da sua operadora de saúde e encaminhada via aplicativo SouGov.br. Veja abaixo o passo a passo para a prestação de contas:

MANUAL PARA COMPROVAÇÃO DO AUXÍLIO DE ASSISTÊNCIA SUPLEMENTAR- PER CAPITA

- 1º** Acessar o SIGEP/SIGAC www.servidor.gov.br
- 2º** Após realizar o login aparecerá a tela inicial do Sigepe. Clique no canto superior esquerdo para acessar o menu de opções.
- 3º** No menu opções selecione "Requerimento".
- 4º** Na tela seguinte clique em "Solicitar".
- 5º** Escolha o tipo de requerimento "Comprovante de Quitação de Planode Saúde!".
- 6º** Após escolher o tipo de requerimento preencha as informações do documento até completar os dados e clique em "Gerar Documento".
- 7º** O documento gerado aparecerá em tela. Verifique todos os dados preenchidos utilizando a barra de rolagem. Em seguida clique em "+ Incluir".
- 8º** Na tela que aparecerá após salvar o requerimento, clique em "Incluir Anexo".
- 9º** Na tela seguinte escolha o tipo de documento a ser anexado.
- 10º** Caso apareça mensagem informando que já existe o tipo de documento selecionado, clique em "sim".
- 11º** Selecione o requerimento e todos os anexos e clique na opção "Assinar Selecionados".
- 12º** Em seguida será necessário marcar na opção "Registrar Ciência" e clicar na opção "ENVIAR PARA ANÁLISE".



ATENÇÃO, PROFESSORAS E PROFESSORES

A ADUFRJ tem uma boa notícia. Mais de 2 mil docentes da UFRJ têm dinheiro a receber. Os valores individuais podem ultrapassar R\$ 20 mil, segundo as previsões do setor jurídico da AdUFRJ. Nossos advogados estão avançando na ação dos 3,17% — uma querela que se arrasta desde o governo Fernando Henrique Cardoso. Todos os professores que entraram na carreira entre janeiro de 1995 e dezembro de 2001 têm direito ao percentual, com as devidas atualizações financeiras. Os interessados devem comparecer à sede da AdUFRJ para assinar procuração. Mesmo quem não é filiado pode procurar o sindicato, no Centro de Tecnologia, Bloco D, sala 200. Aproveite e filie-se !